

**O Espaço Arquitetural reconstruído nos filmes da artista Lygia Pape.
“Favela da Maré”. Uma abordagem social e tecnológica**

**The Architectural Space reconstructed in the films of artist Lygia
Pape. "Favela da Maré. A social and technological approach**

DOI:10.34117/bjdv7n10-466

Recebimento dos originais: 13/09/2021

Aceitação para publicação: 30/10/2021

Maria Clara Amado Martins

Doutora Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro
Endereço: Av. Pedro Calmon, 500 - Cidade Universitária, Rio de Janeiro - RJ, 21941-901, Brasil
E-mail: mariaclaraamado@gmail.com

Priscilla Batista Mathias

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro
Endereço: Av. Pedro Calmon, 500 - Cidade Universitária, Rio de Janeiro - RJ, 21941-901, Brasil
E-mail: priscillamathias.arq@gmail.com

Matheus Augusto Pinheiro Benedito

Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro
Endereço: Av. Pedro Calmon, 500 - Cidade Universitária, Rio de Janeiro - RJ, 21941-901, Brasil
E-mail: matheuspinheirobenedito@gmail.com

Patrick Carvalho da Silva

Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio
Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Endereço: Rua Marquês de São Vicente, 255 - Gávea - RJ, Brasil
E-mail: patrickcarvalho75@gmail.com

Tatianna Lima da Silva

Graduanda pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro
Endereço: Av. Pedro Calmon, 500 - Cidade Universitária, Rio de Janeiro-RJ, 21941-901, Brasil
E-mail: tatianna097@hotmail.com

RESUMO

A artista plástica Lygia Pape (1927 - 2004) está entre as artistas mais importantes do país e tem sua produção artística reconhecida nacional e internacionalmente. Durante sua rica trajetória fez da 'experimentação' o seu processo criativo, demonstrando ser possível estabelecer diálogos entre a Arte, as Humanidades e as Ciências Sociais. Analisando seu percurso e pesquisando suas obras, observamos que em 1959 foi considerada pela crítica de arte um dos vértices do Movimento Neoconcreto justamente por estabelecer leituras atuais da condição humana diante do novo mundo tecnológico. Atuou em diferentes linguagens artísticas como Pinturas, Gravuras, Livros, Poemas, Ballets, Instalações, Design Gráfico e Cinema, mas é na sua aproximação com este último e o legado de uma vasta obra fílmica que cria o principal contraponto entre Arte, as Humanidades e as Ciências Sociais. Ou seja, ao estabelecer um contato real e direto com um novo processo de comunicação indissociável da difusão em massa - o Cinema - reconhece o mundo tecnológico como parte inseparável do modo de viver do homem. Para fazer o enfrentamento entre os filmes de Pape, sociedade e tecnologia, escolhemos o curta-metragem "Favela da Maré", produzido nos anos de 1970. A justificativa está no fato da artista trazer à tona as imagens de uma das mais complexas comunidades do Brasil, apresentá-la por ângulos cinematográficos inéditos e explorar o espaço arquitetural da favela através de técnicas que tensionam os limites da tecnologia ressignificando seus lugares como construção social.

Palavras chave: Lygia Pape, obra fílmica, Favela da Maré, espaço arquitetural, sociedade, tecnologia.

ABSTRACT

The artist Lygia Pape (1927 - 2004) is among the most important artists in the country and her artistic production is recognized nationally and internationally. During her rich trajectory she has made 'experimentation' her creative process, demonstrating that it is possible to establish dialogues between Art, Humanities, and Social Sciences. Analyzing her career and researching her works, we observe that in 1959 she was considered by art critics to be one of the cornerstones of the Neo-Concrete Movement precisely because she established current readings of the human condition in face of the new technological world. She worked in different artistic languages such as paintings, prints, books, poems, ballets, installations, graphic design, and cinema, but it is in her approach to the latter and the legacy of her vast film work that she created the main counterpoint between art, the humanities, and the social sciences. That is, by establishing a real and direct contact with a new communication process inseparable from mass diffusion - Cinema - recognizes the technological world as an inseparable part of man's way of living. To confront Pape's films, society, and technology, we have chosen the short film "Favela da Maré", produced in the 1970s. The justification lies in the fact that the artist brings up images of one of the most complex communities in Brazil, presents it through unique cinematographic angles and explores the architectural space of the favela through techniques that push the limits of technology resignifying its places as a social construction.

Keywords: Lygia Pape, filmic work, Favela da Maré, architectural space, society, technology.

"O fim não me interessa, mas o caminho percorrido, a criação em suas diferentes formas e manifestações, o invisível que nos transforma" (Pape, 1972)

1 LYGIA PAPE, A OBRA

Lygia Pape (1927 - 2004) é considerada uma artista completa no meio artístico nacional e internacional. Trabalhou com Gravura, Pintura, Poemas, Esculturas, Tecelares, Instalações, Letreiros, Cartazes, Vinhetas, Curtas/Filmes. Lygia pertenceu ao Grupo Frente (1954-1956) que é considerado o núcleo do Concretismo e que contou também com a participação dos artistas Abraham Palatnik, Aluísio Carvão, Décio Vieira, Franz Weissmann, Ivan Serpa (fundador), Lygia Clark, Hélio Oiticica, Eliza Martins da Silveira entre outros importantes nomes do cenário nacional.

Em 1959, Pape e alguns destes artistas pertencentes ao Grupo Frente romperam com o concretismo, caracterizando assim o marco inicial do Movimento Neoconcreto, cujo manifesto foi publicado em março de 1959 no suplemento dominical do Jornal do Brasil. O crítico de arte Ronaldo Brito destaca a importância da artista neste momento, considerado um dos mais ricos da história da arte no Brasil, e a coloca “na ala que, conscientemente ou não, operava de modo a romper os postulados construtivistas” (BRITO, 1985) juntamente com Lygia Clark e Hélio Oiticica, do Movimento Neoconcreto.

Desde o início de sua carreira, a artista surpreendeu a crítica pela diversidade de sua produção, experimentando ao longo destes anos diferentes materiais e suportes. A crítica de arte a nominou como “a criatividade em ebulição” (HOMERO, 1988) ou como uma artista rica em ideias como um estado próprio de seu ser.

Estas ideias infundáveis que fez sua obra ser reconhecida em múltiplos campos da arte foi reafirmada quando a crítica diz que “...no Brasil, Lygia Pape é o primeiro artista que desenvolve a arte como rede de práticas experimentais. Foi quem primeiro reuniu os vários campos da arte no impacto das ideias de Merleau-Ponty e Langer”. (HERKENHOFF, 2012).

Ao mesmo tempo em que a obra da artista é reconhecida em um cenário de criatividade e redes de práticas experimentais, refletimos que os atravessamentos entre elas contribuíram para a ampliação das “fronteiras culturais” tão necessárias para o devir do mundo. Através de seus ‘fazer’ artísticos Lygia Pape reforça as zonas de contato entre as artes, tão necessárias para a criação de novos olhares.

Estudo de caso para a reflexão da história cultural, cada vez mais recorrente na história da arte e na história dos artistas, Lygia Pape apresentou discursos tão diversos quanto transgressores para a compreensão da história cultural e suas fronteiras. Essa maneira de observar a obra da artista atualiza e traz novos olhares para a crítica contemporânea. (MARTINS, 2014)

Na inclusão do Cinema na obra de Pape, é importante ter em mente que toda as suas obras funcionam como ‘significantes’ e estão interligadas na obra fílmica da artista. A citação abaixo aponta com clareza a importância da combinação de elementos que darão significação ao cinema.

Assim, a estrutura de significação do texto fílmico não é dada apenas por seus componentes internos, uma vez que os filmes estão intimamente vinculados ao universo cultural ou seja, uma produção que combina elementos da(s) cultura(s) aos sistemas utilizados na construção de suas imagens. (CARVALHO, MORAES, 2020)

Não seria diferente com os filmes de Lygia Pape. A aproximação com diversos campos da arte e o olhar transgressor pelas zonas de contato entre elas, contribuiu para que os espaços/passos percorridos pela artista colocassem sua obra em diversas coleções do Brasil e, mais ainda, permitiu que atravessasse campos transdisciplinares do saber nunca imaginados. Assim foi com o Cinema.

A aproximação de Lygia Pape com esta mídia em suas diversas possibilidades acontece no ano de 1962, seja no projeto gráfico de cartazes, como na elaboração de roteiros, montagens e direção, além de ampla produção de cinema autoral, trabalhando com equipamentos de 35mm, 16mm e super 8. Ao todo, a filmografia de Lygia Pape apresenta cerca de vinte filmes (alguns ainda em fase de restauração), segundo pesquisa com apoio do Projeto Lygia Pape.

Os filmes de Lygia Pape sempre fortaleceram a compreensão da abordagem social e tecnológica latente em sua arte, como pode ser visto, por exemplo em 1967 quando realiza seu primeiro filme *La Nouvelle Création* e também em 1974 em sua produção *Our Parents*.

No primeiro filme, produzido para a Exposição Universal de Montreal, Lygia realiza um curta-metragem de 50 segundos em que usa imagens cedidas pela Nasa que mostram o homem/astronauta flutuando no espaço e, na edição das imagens fez interferências cromáticas em vermelho. Cabe lembrar que naqueles anos de 1960 o mundo vivia uma revolução tecnológica que transformaria definitivamente a humanidade e o gesto da cor acrescenta uma carga expressiva necessária para uma reflexão sobre aquela cena que mostrava um novo tempo e um novo homem.

O segundo filme citado mostra uma sucessão de imagens de uma tribo de indígenas do Alto Xingu através de cartões postais coloridos filmados pela câmera super 8 da artista. Ou seja, são paisagens estáticas que se tornam vivas pelo movimento

impresso pelas mãos de Lygia Pape. Ressaltamos que as cenas escolhidas para o filme são cenas da vida cotidiana da tribo e que refletem o seu modo de viver.

Estes dois exemplos citados servem para reforçar uma questão latente na obra fílmica da artista: fazer da arte o lugar de enfrentamento e abordagem social e tecnológica. Ou seja, pensar o mundo e suas tecnicidades como parte inseparável do modo de viver do homem.

E, como objeto principal, escolhemos o curta-metragem “Favela da Maré”, produzido nos anos de 1970, como sua obra plena no atravessamento de diversas cenas da sociedade vistas sob os olhos de Lygia Pape através das lentes de sua filmadora. Diferente dos filmes citados, Lygia percorre a Maré presencialmente e seu contato com os moradores reforça a aproximação social, ou seja, ela está ‘dentro’ do filme.

Além disso, a escolha está no fato da artista trazer à tona as imagens de uma das mais complexas comunidades do Brasil e apresentá-la por ângulos cinematográficos inéditos, explorando o espaço arquitetural da favela através de técnicas que tensionam os limites da tecnologia e ressignificando seus lugares de construção social.

Ao adentrar o sítio ela estabeleceu um contato real e direto entre um novo processo de comunicação - o Cinema- e a realidade de uma favela que vivia às margens da sociedade relegada ao esquecimento de sua própria existência.

2 A DIMENSÃO SOCIAL DA FAVELA DA MARÉ

Localizado na Zona Norte da capital fluminense, o Complexo da Maré é composto por 16 favelas que são delimitadas pela Baía de Guanabara e 3 vias expressas: Linha Vermelha, Linha Amarela e Avenida Brasil. Situada nas proximidades da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Maré chama a atenção na paisagem carioca devido às suas características físicas e aos estereótipos associados à área.

As primeiras ocupações de palafitas e que deram origem à favela surgiram na década de 1940 às margens do manguezal e, como consequência da indiferença e da negligência do poder público desde os primeiros movimentos de ocupação, criaram a ‘Associação de moradores da Maré’, em 1950, para garantir direitos básicos como distribuição de água, esgoto, eletricidade, pavimentação, coleta de lixo e diminuir os abusos sofridos pela população da área.

Devido à sua localização privilegiada, que a situava como percurso de entrada da cidade pelo aeroporto e a ligação direta com o centro da cidade através da Avenida Brasil, houve muitas tentativas e planos para acabar com a favela sem nenhuma contrapartida

social adequada. No entanto, os moradores sempre foram uma presença fortíssima frente ao estado impedindo que o mesmo seguisse com os planos de destruição.

Constitui-se como um espaço de moradia de 140.000 mil pessoas¹ que mesmo com todas dificuldades de habitação, violência e desigualdade social consolida a Favela da Maré como reduto de pluralidade cultural, movimentos sociais, comunitários, lazer, informação e solidariedade. Contudo, ainda assim, sofre preconceitos por parte da grande mídia que insiste em retratar e reforçar a imagem de um lugar que é abrigo de traficantes, drogas e armas, como se toda a comunidade se resumisse apenas às características negativas que são estampadas frequentemente nos veículos tradicionais de comunicação.

Para mudar esse cenário e mostrar a real Favela da Maré os moradores vem, ao longo dos anos, criando e desenvolvendo diversas ações com objetivo de melhorar as condições de vida dos seus habitantes, mostrar para o mundo as reais pessoas que fazem parte do lugar e acabar com os rótulos negativos recebidos desde suas primeiras ocupações. Podemos destacar entre elas a construção do primeiro museu dentro de uma favela no mundo, que visa registrar, preservar e divulgar a memória e história das comunidades que compõem a Maré.

A favela conta com mais de cem organizações sociais entre elas, a ‘Frente da Maré’, que ajuda mais de 3.000 famílias em dificuldades financeiras com doações de alimentos; ‘Observatório de favelas’, dedicado a produção de conhecimentos e metodologias visando refletir em políticas públicas referentes às favelas e periferias e ‘Conexão G’, a primeira organização LGBT em uma favela.

A comunidade tem também suas próprias mídias de comunicação com diversos jornais como, ‘O cidadão’, com mais de 20 anos de existência, ‘Mares de notícias’, ‘A Maré vive’ e a revista de alcance internacional ‘Periferias’. Além disso, a favela é casa e origem de iniciativas artísticas, audiovisuais, companhias de teatro, empreendedores, cineastas, fotógrafos, cursos pré-vestibulares comunitários e movimentos de ativistas dos direitos humanos.

Diante de todas essas iniciativas e muitas outras, a Favela da Maré e seus moradores estão lutando ativamente para mudar a maneira como são caracterizados pela sociedade, para serem vistos como uma potência de talentos, cultura, educação, memória, inclusão e diversidade.

¹ Censo retirado do site <https://doe.redesdamare.org.br> acessado em 2 de outubro de 2021, às 15 horas

3 RESSIGNIFICAÇÃO DO LUGAR. O CORPO E O TÊXTIL

Em seu filme “Favela da Maré”, Lygia Pape utiliza os elementos do cotidiano dos moradores da comunidade como valores estéticos estruturantes de seu filme. Essa característica essencial de sua obra permite relacioná-la com a arte produzida no Brasil no contexto de Lygia, que foi resultado dos experimentos do concretismo e neoconcretismo brasileiros nas décadas de 50 e 60. Isso permite destrinchar o filme diante de um contexto mais amplo, que explicita as relações entre a produção de Lygia e nomes como Lygia Clark, Ferreira Gullar, Reynaldo Jardim e, sobretudo, Hélio Oiticica.

A priori, a ligação mais direta que o filme de Lygia possui é com uma das obras mais emblemáticas de Oiticica: os ‘Parangolés’, que retratam com clareza a participação do espectador na obra de arte, através da “incorporação do corpo na obra e da obra no corpo” (BERENSTEIN, 201). Esse aspecto é fundamental para entender os artistas desta geração e é absolutamente indissociável da arquitetura das favelas.

De acordo com os estudos de Paola Berenstein, ao lado da ideia da “coletividade anônima” e da “experiência com o samba”, a arquitetura das favelas constitui o principal registro das influências despertadas pelos Parangolés de Oiticica. Entretanto, apesar da manifestação muito nítida desses conceitos nos Parangolés, é possível sublinhá-los também em obras de Lygia Pape, como “O Ovo” e “O Divisor”. Essa última é mais precisa ainda pois a obra trata da relação do têxtil com o corpo, mediada pelo movimento e pela dança, exatamente como na obra de Oiticica.

A relação entre as obras de Lygia e Oiticica, no entanto, manifesta-se de outra maneira ao pensar sobre “Favela da Maré”. A característica em comum entre os Parangolés e o filme de Lygia que mais fica explícita no filme é sua relação com a arquitetura das favelas e, conseqüentemente, a resignificação do lugar favela. Isso é perceptível nos diversos planos que Lygia filma os varais com roupas estendidas, nas cenas que mostram as pessoas lavando suas roupas, ou relacionando balanço da rede com o balanço da cortina e, certamente, nas portas e subdivisões internas feitas de tecidos.

São esses materiais das cortinas internas que vamos encontrar nos parangolés, como se Oiticica tivesse escolhido o mais íntimo dos materiais usados para representar com maior pertinência a ideia de abrigo. Ele retoma os fragmentos de tecidos e de plásticos do interior dos barracos para fazer as capas. (BERENSTEIN; 2001)

Enquanto Oiticica buscou na arquitetura têxtil da Mangueira uma espécie de analogia que servisse de suporte para a manifestação do corpo enquanto obra, Lygia buscou na Maré a compreensão desse corpo diante do tecido num estágio mais próximo

do cotidiano, intocado pela artista. É claro que o gesto de Lygia ressignifica o lugar, pois transforma o cotidiano aparentemente ordinário em um objeto artístico digno de contemplação, mas sua obra busca retratar o corpo e o têxtil e ressignificá-los através do registro. Já Oiticica atinge essa ressignificação do cotidiano da favela utilizando uma analogia entre o corpo que samba e o tecido que abriga o corpo.

4 O ESPAÇO ARQUITETURAL

Segundo Huchet (2012), seus estudos buscam o entendimento sobre os espaços produzidos pelo homem e a relação entre ambos. Ao analisá-los, Huchet afirma que o espaço in situ (natural) e a forma como o homem se apropria destes espaços é capaz de moldar e criar uma identidade própria. Para tal ato é preciso, contudo, levar em conta as questões estéticas que tanto o espaço quanto o homem exercem.

Como resultado desta análise é possível obter a expressão “Espaço Arquitetônico + Valores Estéticos = Espaço Arquitetural”, onde os valores estéticos têm função primordial para entendermos como esta lógica de produção se dá no ambiente da Favela da Maré destacado por Lygia.

Expressão da lógica de Huchet sobre Espaço Arquitetural.


$$\text{Espaço Arquitetônico} + \text{Valores Estéticos} = \text{Espaço Arquitetural}$$

Fonte: Imagem gráfica produzida pelos autores

Para esta análise fílmica podemos citar “*O Outro como Protagonista*”, “*Fenomenologia*” e “*Conceito Espaço-Tempo*” como os valores estéticos fundamentais para melhor compreendermos a obra fílmica de Lygia Pape “Favela da Maré”. Tais valores foram ilustrados e problematizados no curta através do olhar da artista entre os anos de 1960 e 1970, período este amplamente focado nos avanços tecnológicos e na ciência. A artista com isso transporta essa lógica para uma nova forma de se produzir arte dando ênfase ao cotidiano de maneira simples e direta através da produção de seus curtas-metragens.

Quadro de Valores Estéticos com base em Huchet.



Fonte: Imagem gráfica produzida pelos autores

O Outro como Protagonista

Como primeiro valor estético analisado temos “O Outro como Protagonista”. Durante toda a obra de Lygia Pape é possível observar que a artista ao filmar, preocupa-se em criar tomadas em que o espectador seja transportado para dentro da cena ao assistir ao filme.

Mesmo não utilizando nenhum tipo de sonoridade em seu curta, Pape consegue captar com maestria não só o cotidiano daquele local, como também as relações entre pessoas e entre essas pessoas e o espaço ao redor, gerando assim uma sensação para quem assiste, de pertencimento daquele lugar e tornando-se também um protagonista deste espaço. Um de seus recursos mais primordiais para produzir e captar tais sensações é a criação de tomadas que transportem o espectador para dentro da cena ao assistir ao filme. Além disso, há o foco no rosto das pessoas e nas suas expressões corporais produzidas no cotidiano.

Fenomenologia

A Fenomenologia pode ser entendida como a natureza apresentada de maneira aparente, manifestada através da experiência dos sentidos humanos e de uma consciência direta e imediata.

Em “Favela da Maré” tal efeito, que é intimamente ligado ao primeiro valor estético citado, é captado pela artista em diversas manifestações do cotidiano daquelas pessoas. Ao se colocar no lugar dos moradores, Lygia Pape nos mostra a fenomenologia muito clara e direta ao dar ênfase ao sensorial, ao tátil através do ‘close’ das mãos dos moradores exercendo suas atividades diárias, ao capturar a imagem das pessoas falando com a câmera de maneira a dar a sensação de que a o espectador está fazendo parte do ambiente (natural) de maneira direta, sem qualquer intermédio.

O papel da visão também é primordial para o entendimento desta fenomenologia através das tomadas das visadas do entorno da Comunidade e da Materialidade através da

“construção pela reconstrução” no reaproveitamento dos materiais em diferentes funções, sendo as ripas de madeira um exemplo claro desse recurso. Além do papel fundamental da cor através, não só dos objetos, mas também da natureza e o tratamento fílmico utilizando uma estética mais pálida para sua produção.

Outro recurso fenomenológico muito importante, abordado de maneira sutil por Lygia, é o “vai e vem”, o “sobe e desce” da câmera e também a ordem em que o filme é apresentado, de maneira comum do início para o fim e depois do fim para o início. Nestes casos é clara a referência que a artista faz com a movimentação das marés que modificam constantemente a paisagem da Favela da Maré pela alteração que o nível da água promove nas construções a cada 06 horas.

Como análise mais contemporânea é possível citar ainda a questão da romantização das favelas, que nesse caso acaba sendo colocado mais pelo espectador do que pela artista, que tem como papel apenas o de documentar as relações entre os espaços e as pessoas.

Conceito Espaço-Tempo

O conceito de Espaço-Tempo pode ser entendido na obra da artista através da forma em que o curta-metragem foi filmado. Além da relação já citada em que a alteração das marés afeta as construções que compõem a Comunidade da Maré, ilustrando claramente a mudança constante desses espaços com base no tempo, temos ainda o conceito de Espaço-Tempo também presente na relação entre a Favela da Maré e a Cidade Universitária mostrada em alguns *takes* do curta.

A Maré tem como ‘vizinha’ direta a Cidade Universitária que abriga a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Historicamente, ambos os espaços podem ser relacionados em diversos campos, do geográfico, passando pelo histórico e chegando ao social e cotidiano. No campo geográfico temos a mudança dos limites territoriais e a presença de novas construções que ocorreram com o passar do tempo tanto na comunidade da Maré quanto na Cidade Universitária.

No âmbito histórico temos a relação da desapropriação das pessoas que habitavam as ilhas que compõem a hoje chamada Ilha do Fundão e que fundaram o que conhecemos hoje como ‘Comunidade da Maré’, além também do fato de que algumas destas pessoas terem participado das obras de construção dessa nova ilha e universidade.

Já no viés social e cotidiano é possível vermos que para muitos moradores da Maré, a Cidade Universitária hoje é um meio de produção de renda e trabalho, além de

estudo, onde é do conhecimento que muitos profissionais, principalmente das áreas técnicas da Universidade, e também alunos, são moradores da Comunidade da Maré.

No curta a artista evidencia essa forte ligação através da paisagem apresentada por uma janela, onde é possível vermos a Cidade Universitária ao fundo, como uma forma de contemplação desse espaço e de percepção constante dessa mudança pelo tempo, de maneira inclusive poética se analisarmos a janela como um quadro em que sua pintura está em constante aperfeiçoamento.

5 A INTERDEPENDÊNCIA ENTRE FILME, ARQUITETURA E GRUPO SOCIAL PELOS RECURSOS TÉCNICOS UTILIZADOS PELA ARTISTA EM SUA ABORDAGEM

Durante a leitura visual do filme “Favela da Maré”, é possível identificar elementos e equipamentos que compõem dinâmicas de diferentes origens e vertentes. Pode-se pensar nesta obra, como uma junção de elementos sociais indissociáveis que alimentam uma cena, como uma pintura, que conta uma história através de ‘pontos de vista’ formados pela concepção do espectador. Existe uma certa facilidade em falar da vivência do outro, afinal quando se está afastado é possível ver um plano completo, sem interferências emocionais ou físicas, as emoções são geradas pelo que se vê, pelo que se conhece, e pelo que nos olha.

Neste ponto, Lygia Pape traz uma espécie olhar documental para uma área geográfica, contrastante com o Rio de Janeiro nobre, que vem se formando para além das barreiras da Maré, mergulhado na constante evolução da cidade e da Arquitetura Moderna, logo, consegue-se notificar os grupos pertencentes dessa narrativa: o morador, a arquitetura e a cidade.

O morador é parte elementar da narrativa fílmica da Pape, através dele existe a possibilidade de vislumbrar o gestual físico e o de câmera, que é amplamente contrastante quando o movimento retrógrado de edição é aplicado, nesse ponto, surgem outros questionamentos e percepções. O habitante do espaço, não é composto apenas pelo seu corpo, ele é uma junção de todos os elementos que formam a sua imagem, como a indumentária, suas ações, seus semblantes.

Em um recorte mais técnico - foquemos na indumentária - a época dos anos 70 é lida como a “década do poliéster”, fruto do constante processo de industrialização que refletiu positivamente no cenário nacional, grandes nomes surgem nesse momento como Zuzu Angel e Clodovil Hernandez, o “Milagre Brasileiro” aquece o setor - não só o têxtil,

mas o de diversas áreas -, e a televisão, que nessa altura do campeonato já estava presente em aproximadamente 40% das casas brasileiras, incentiva o consumo, como pode ser lido na citação: “O público alvo era uma classe média de maior poder aquisitivo, aproveitando a ascensão propiciada pelo chamado ‘milagre econômico’”. (JOFFILY, 1991)

Tendo esse cenário como parte integrante do que vinha sendo desenvolvido, é evidente que todo esse avanço não atingiu a favela, a racionalização da energia elétrica não havia chegado a todos os espaços do Rio de Janeiro, portanto o acesso a televisão se coloca ainda mais distante, assim como a realidade de quem vivia no Rio Moderno fora da Maré, seria então, o ato de editar um filme “de trás pra frente”, evidenciando o processo de retrocesso, uma crítica não-tão-metabólica, mas literal da existência do abandono aos moradores da Favela da Maré? Talvez a resposta esteja em analisar as outras questões que são materializadas no espaço.

A análise das construções sugere um anacronismo entre as arquiteturas da época: se focarmos em uma das cenas finais do filme, poderemos identificar a atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, vista através de uma das janelas, distanciada pela Baía de Guanabara e pelo desenvolvimento tecnológico. De um lado temos o atual prédio da prefeitura da UFRJ, embasado nos conceitos da Arquitetura Moderna e estruturado pelo avanço do concreto armado, do outro, temos ripas de madeira que são caminhos, são portas, janelas, e são paredes também, materiais que geram contraste nas realidades explicitadas. Lygia passeia por esses caminhos, e as nuances que diferenciam os espaços são cada vez mais latentes pela vulnerabilidade espacial e pela força da existência, que mesmo hoje, após mais de 50 anos, ainda é notada, mesmo que em instâncias diferentes e ainda assim, muito semelhantes.

Existe uma certa ‘agressão não-óbvia’ quando identificamos onde a favela está inserida, porque no final de contas, o espectador observa a cidade como pano de fundo da composição cinematográfica, que posteriormente é entendida como ato complementar, porém contrastante. Por mais que Lygia não coloque isso de maneira tão evidente, é possível desenvolver um discurso através da interpretação, e da identificação histórica do pertencimento nos espaços periféricos do Rio de Janeiro. É válido pontuar, que a obra se coloca como pioneira ao entender esse espaço marginalizado como protagonista, em um Rio de Janeiro que estava preocupado em produzir mais conteúdo para cartão postal do que lutar pela qualidade do morar.

6 CONCLUINDO

A apreensão de parte da obra fílmica de Lygia Pape através da análise do filme “Favela da Maré” não encerra a leitura do filme específico e muito menos a completude de sua obra maior. Decerto é uma pista necessária que contribuirá para a compreensão das interfaces que a artista faz em sua produção, quando enfrenta a ‘aparente dicotomia’ de pensar o homem inserido nas tessituras da tecnologia.

A expressão ‘aparente dicotomia’ surge porque é intrínseco pensar na sociedade e não a cotejar com o seu tempo. Em todas obras da artista aqui citadas como Gravura, Pintura, Poemas, Esculturas, Tecelares, Instalações, Letreiros, Cartazes, Vinhetas, Curtas/Filmes é perceptível a construção do espaço, o homem como protagonista e a busca pela subversão de técnicas de seu tempo.

Em sua aproximação e mergulho no cinema não seria diferente. O filme Favela da Maré desvela a potência da arte através do mergulho das lentes de Lygia. Do movimento das marés, do ir e vir dos personagens, das roupas penduradas, dos barracões e da construção de seu próprio espaço cênico e inventivo.

A escolha cromática da artista na realização do filme em preto e branco é um dado relevante pois acentua simultaneamente a expressividade e o lúdico do viver dos moradores da Maré e, também o diferencia dos filmes anteriormente citados. E se não há cor, há muitas tintas.

Situada na entrada da cidade do Rio de Janeiro, vizinha à Universidade e às margens da Baía da Guanabara tem em seu grupo social o sentido latente de pertencimento á cidade, não como um contraponto, mas como parte necessária de sua compreensão. As lentes de Lygia Pape inverteram qualquer possibilidade de pensar os grupos sociais que compõem a Favela da Maré como lateralidade.

Como já foi dito, as cenas escolhidas pela artista tornam o filme pioneiro por tornar o espaço aparentemente marginalizado como protagonista, como fez em todas as suas obras. O homem é o personagem principal e seu devir no mundo é parte necessária.

A conclusão não chegará a um termo comum, porque há muitos olhares e espectadores na subjetividade impressa pelo cinema e sua fascinante reprodutibilidade como arte de massa. E, parafraseando Lygia Pape quando disse que “o fim não me interessa, mas o caminho percorrido, a criação em suas diferentes formas e manifestações, o invisível que nos transforma”, fiquemos com o caminhar e a licença poética das transformações.

REFERÊNCIAS

Filmes

Favela da Maré (Anos 1970), Super 8 – Preto e branco
La nouvelle creation (1967), 35mm - COR – 50 seg
Our Parents (1974), Super 8 - COR. 6 min

Livros

BORJA-VILLEL, Manuel J., VELÁZQUES, Teresa. (Org.). Lygia Pape - Espacio Imantado. 1a.ed. Madrid: Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, 2011.

BRITO, Ronaldo. *Neoconcretismo, vértice e ruptura do projeto construtivo brasileiro*. Rio de Janeiro: FUNARTE/INAP, 1985, p.51.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1998.

EL FAR, Alessandra, BARBOSA, Andrea, AMADEO, Javier (Org.). *Ciências Sociais em Diálogo*. São Paulo: FAP.UNIFESP, 2014.

HERKENHOFF, Paulo. *Espacio imantado*. Madrid: El Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, 2012.

HOMERO, Vilma. *A criatividade em ebulição*. Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 21 jun.1988.

HUCHET, Stéphane Denis Albert René Philippe. *Intenções espaciais: a plástica exponencial da arte, 1900-2000*. Belo Horizonte: C/Arte, 2012.

JACQUES, Paola Berenstein. *Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

JOFFILY, Ruth. *O jornalismo e a produção de moda*. São Paulo: Nova Fronteira, 1991.

MARTINS, Maria Clara Amado. As fronteiras culturais nas artes visuais. A obra de Lygia Pape. *Revista Interfaces (UFRJ)*, v. 1, p. 62-74, 2014.

MORAES, D. R. S, CARVALHO, H. P. D. A força perceptiva do olhar como multiletramento por meio das telas do cinema. *Braz. J. of Develop.*, Curitiba, v.6, n.11,p. 86632-86646, nov.2020. ISSN 2525-8761

PAPE, Lygia. *Gávea de Tocaia*. São Paulo: Cosac & Naif, 2000.

Sites

. Projeto Lygia Pape. Disponível em: <https://lygiapape.com/>. Acesso em: 15/02/2021 às 15:00hrs.

. PAPE, Lygia. Favela da Maré ou Milagre das Palafitas (Texto). Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/22497/12589>. Acesso em: 15/02/2021 às 17:00hrs.

. Redes da Maré. <https://doe.redesdamare.org.br> acessado em 2 de outubro de 2021, às 15 horas

. Machado, V. R., & Santos, F. L. de S. (2018). Escritos de Lygia Pape: cidade, neovanguarda e cultura material popular. *Risco Revista De Pesquisa Em Arquitetura E Urbanismo (Online)*, 16(2), 12-30. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4506.v16i2p12-30>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/risco/article/view/134284/149336>. Acesso em: 15/02/2021 às 16:30hrs.

. Os Paralamas do Sucesso - Alagados (1986 - Videoclipe Oficial). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o7N76QdXc6E>. Acesso em: 01/03/2021 às 12:40hrs.

. Alagados, Trenchtown, Favela da Maré, a Origem. Disponível em: <https://naotocoraul.com.br/a-origem/alagados/>. Acesso em: 01/03/2021 às 13:05hrs.

. BJD. www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/19643/15740